



REFLEXÕES SOBRE SEXUALIDADE, CORPO, RELAÇÕES DE GÊNERO E CARÁTER

Sandra Mara Volpi

RESUMO

Na contemporaneidade, cada vez mais têm surgido composições familiares que desafiam a compreensão do caráter como resultante de interações entre a função materna e a função paterna em um núcleo familiar. Não somente as crianças, em seu desenvolvimento, estão expostas a uma maior diversidade de experiências no meio social em que se inserem, para além da família, como, mesmo no contexto desta última, muitas vezes, são educadas por composições diversas àquelas tomadas como referência pelos teóricos da Psicologia Corporal, tais como Reich e Lowen. Assim, estamos na fronteira de um tempo que poderia ser compreendido como pós-identitário, em que talvez tenhamos que desconstruir antigas referências, sem desconsiderar o legado que nos cabe, e assim abordar a sexualidade, o corpo, as relações de gênero e o caráter.

Palavras-chave: Caráter. Corpo. Gênero. Psicologia Corporal. Sexualidade.

.....

O ser humano, desde o seu nascimento, pertence ao que Kracauer (*apud* Bauman, 2005, p. 17) denominou “comunidade de vida”. Ainda que mais tarde a abandone, por escolha própria, ou a perca, por imposição, é esta comunidade que lhe dita algumas normas a serem seguidas, organizando um determinado rol de valores que baseiam e direcionam a ação de cada indivíduo. Das comunidades de vida a que pertence, o ser humano pode transcender às comunidades de destino, sendo que nestas constrói e exercita sua identidade, fruto da interação, ou seja, do compartilhamento de ideias, por meio do qual afirma sua individualidade e reconhece a diversidade. Assim, é possível interconectar esses conceitos e mesmo jogar com os termos, dizendo que o destino – tal como compreendido no senso comum – localiza todas as pessoas em suas referidas comunidades de vida, e que a vida, por sua vez, direciona cada pessoa às comunidades de destino da qual fará parte. As comunidades de vida e as comunidades de destino contam a história de indivíduos e de coletividades. Entre os valores que as permeiam, aqueles que



se relacionam à sexualidade podem tornar as ações e as relações de pessoas e grupos como partes componentes de comunidades de vida e/ou de destino.

Uma vez que a sexualidade está calcada em um corpo biológico e psicológico que é igualmente produto e produtor da cultura em que se insere, tocar no tema sexualidade implica também em uma incursão no âmbito das relações de gênero, as quais, a priori e de maneira simplificada, poderiam ser colocadas em paralelo à ideia de diversidade.

Há que se admitir que esta função – a sexualidade – passou, ainda passa e provavelmente continuará passando, no futuro, por transformações decorrentes da transgressão de valores tais que, uma vez promovidos ao patamar de verdades inquestionáveis, estabeleceram restrições à experimentação da sexualidade mesma, acarretando em perdas significativas para as pessoas, seja em termos de sua saúde, seja em termos de seu prazer na vida.

Por outro lado, há também que se admitir que as transgressões, idealmente, deveriam promover novos níveis de organização e estabilidade, ainda que flexíveis. Assim, as duas possibilidades da cultura – organização e desestabilização – são importantes, não se sobrepondo, na leitura ora empreendida, uma à outra.

A palavra cultura, conforme aponta Bauman (2007), está etimologicamente ligada a cultivo e criação. Cultivar significa aperfeiçoar. Assim, da mesma maneira que o solo pode ser cultivado a fim de gerar uma cultura e com isso garantir a colheita e também a subsistência, também seres humanos podem ser “cultivados”, educados e mesmo “treinados” a reproduzir e manter uma dada cultura. É nesse último momento que a cultura paralisa-se, torna-se estagnada, engessa as instituições e as pessoas que a compõem, e busca produzir verdades absolutas e inquestionáveis. Enfim, perde a potencialidade de aperfeiçoamento. Foi na ânsia de promover novo movimento à cultura que as pessoas passaram a rejeitar antigas referências, inclusive aquelas que remetem à sua sexualidade, por meio da chamada revolução sexual. O horror à fixidez pode, sem dúvida, haver precipitado a sociedade a um outro extremo, que é o da transitoriedade e relatividade – sintetizada por



Bauman (2007) pelo termo “líquido”, anteriormente mencionado –, qualidades estas que se tornaram presentes em suas ações e relações. Talvez apenas após o trânsito de um extremo a outro é que se encontre um ponto de equilíbrio, ainda não vigente na sociedade atual, onde indivíduos e instituições possam discernir valores construtivos à própria vida, de outros, dos quais se possa e deva preterir.

O pertencimento a uma cultura é parte integrante da identidade dos seres humanos, assim como o é a possibilidade da diferenciação em relação a tudo quanto os circunda. Se assim o for, pertencer a uma cultura é potencialmente desenvolver-se, crescer, transcender(-se). Mas, vale repetir, somente na exata medida em que a cultura não esteja arraigada de maneira a se colocar como inquestionável e imutável, ou seja, podendo ser transformada de acordo com as necessidades de um dado momento histórico e respeitando os valores ligados à vida. Afinal, a cultura pode ser transmutada em etnocentrismo quando determinado(s) grupo(s) social(is) veem a si mesmos como representantes de um modo de vida – e de uma cultura – mais correta (LARAIA, 2007) e portanto mais aceitável se comparada a outras. O grande problema nessa visão está no “mais”: quando uma cultura coloca-se em comparação a outra(s) e considera-se mais e melhor que essa(s) outra(s), nasce, em geral, a intolerância com a diversidade e com ela, toda sorte de conflito social e cultural, quando não a violência, a humilhação, a subjugação, ou seja, a desumanidade.

Cabe também frisar que uma postura intolerante pode impor tanto modos padronizados de agir quanto a oposição a tais modos. Atualmente, um indivíduo “deve” ser diferente dos outros; “deve” gozar de livre escolha. São os outros que pressionam cada um a ser diferente e não se pode discordar ou diferir dessa ideia: ou seja, é preciso ser igual a todos, sendo diferente. O paradoxo é que cada indivíduo tem que ser diferente dos demais, mas todos, enquanto membros da sociedade, são “[...] estritamente semelhantes a todos os outros pelo fato de terem de seguir a mesma estratégia de vida e usar símbolos comuns [...] para convencerem os outros de que assim estão fazendo.” (BAUMAN, 2007, p. 26). Obedecer à norma de se diferir pretende



garantir a individualidade, mas a torna impossível, na medida em que a individualidade é assim uma tarefa imposta pela sociedade, ou seja, em sua origem, já deixa de lado a própria individualidade. Por exemplo, respeitar diversidades não é somente desejável; é uma obrigação, e basta a mera tolerância para se considerar que a aceitação já se faz presente. Assim, gera-se novamente a intolerância para com a diversidade.

Negligencia-se que a individualidade é negociada na interação, e, por isso, a solução imposta pela sociedade é a individualização. A identidade é uma igualdade construída quando se compartilham diferenças. Carrega em si a individualidade e a pertença. “A identidade navega entre as extremidades da individualidade descompromissada e da pertença total” (BAUMAN, 2007, p. 44), tal como na criança que explora seu corpo e se descobre sexual ou como no adulto que experimenta a entrega orgástica em uma relação.

A sexualidade aproxima e distancia ao mesmo tempo: na infância, o faz porque a criança se descobre semelhante a algumas de suas figuras de referência e dessemelhante em relação a outras; na maturidade, porque a sexualidade será a função de maior intimidade e fusão entre o organismo de uma pessoa e outra, e também aquela que será responsável pelo prazer e pela satisfação geradas por uma descarga de tensão individual, dependente de uma capacidade de entrega também individual e possível de se realizar mediante a constituição e o discernimento das melhores circunstâncias. Na infância, as semelhanças e dessemelhanças tornadas conscientes pela descoberta da sexualidade serão a base sobre as quais poderão se constituir paulatinamente em particularidades, equidades e respeito às diversidades. Na maturidade, a descarga das tensões individuais será plena na medida em que se compreender o papel do outro nesta empreitada, respeitando-se ainda o direito deste outro à sua própria descarga e, por consequência, ao prazer e à satisfação.

Dessa maneira, as idiosincrasias na experimentação da sexualidade têm sua gênese na infância e da compreensão de seus limites e potencialidades depende o desenvolvimento dessa função – a sexualidade – em bases sãs. Uma sexualidade sã conecta o indivíduo a si mesmo –



VOLPI, Sandra Mara. Reflexões sobre sexualidade, corpo, relações de gênero e caráter. In: JORNADA INTERESTADUAL DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, IV, 2011. **Anais**. Balneário Camboriú: Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-20-0]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

incluindo-se a seu corpo – e aos outros de maneira também são, estabelecendo identidades de maneira íntegra.

A constituição da identidade pode, então, ser uma tarefa simples – não no sentido de fácil ou hierarquicamente menos importante que outras tarefas, mas todo o contrário: simples porque não pode ser reduzida a nada menos do que é, da mesma forma que não deve ser ampliada a algo que não é. Por outro lado, a conquista da identidade, quando a individualidade não foi respeitada na história de uma pessoa e de sua comunidade, requer um enorme esforço, numa “[...] luta interminável entre o desejo de liberdade e a necessidade de segurança, assombrada pelo medo da solidão e o pavor da incapacidade.” (BAUMAN, 2007, p. 44). Sob essas circunstâncias, a diversidade das múltiplas identidades das pessoas está longe de ser respeitada e sequer é tolerada.

Historicamente, a intolerância com relação à diversidade colocou em lados opostos natureza e cultura, feminino e masculino, mulheres e homens, corpo e razão, prazer e poder.

A dominação sexual, por exemplo, tem perpetuado uma violência simbólica, negando à mulher – polo dominado – instrumentos para conhecer a si mesma e pensar sobre si mesma, e lhe disponibilizando instrumentos que são nada mais que a incorporação da relação de dominação, ou seja, são comuns a ela, a mulher, e ao dominante, o homem (BOURDIEU, 1995).

A suposta naturalidade da dominação sexual compõe uma segunda natureza, filtrando percepções e ações e dessa forma corroborando a diferença – socialmente construída – entre os sexos. Para Bourdieu (1995, p. 145), esta segunda natureza, inclusive, é responsável por “[...] **aparecer** a diferença biológica entre os corpos masculino e feminino e, muito particularmente, a diferença **anatômica** entre os órgãos sexuais [...]”¹). Bourdieu (1995, p. 145) refere-se a essa diferença como sendo representante da “[...] socialização do biológico [...]” e da “[...] biologização do social [...]”.

A Psicanálise, por exemplo, apontou inúmeras vezes a perene e universal “inveja do pênis” a que as mulheres estariam destinadas:

¹ Grifos do autor.



VOLPI, Sandra Mara. Reflexões sobre sexualidade, corpo, relações de gênero e caráter. In: JORNADA INTERESTADUAL DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, IV, 2011. **Anais**. Balneário Camboriú: Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-20-0]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

[...] existe uma dose de verdade na teoria sexual infantil de que as mulheres possuem, como os homens, um pênis. [...] Elas [as meninas] desenvolvem um vivo interesse por esta parte do corpo masculino, **interesse que é logo seguido pela inveja**. [...] quando uma delas declara que “preferiria ser um menino”, já sabemos qual a **deficiência** que desejaria sanar. (FREUD, 1987c, p. 221)².

Elas [as meninas] notam o **pênis** de um irmão ou companheiro de brinquedo, notavelmente visível e de grandes proporções, e imediatamente o identificam com o **correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível**; dessa ocasião em diante caem **vítimas da inveja do pênis**³. (FREUD, 1987a, p. 313).

A Psicanálise, nestes termos, não somente delatou a inveja feminina do pênis, como creditou apenas à consciência da inferioridade feminina a possibilidade do desenvolvimento da mulher sob um padrão dito de normalidade:

A descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí, partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal. [...] A inveja do pênis tem em parte, como efeito, também a **vaidade** física das mulheres, de vez que elas não podem fugir à necessidade de valorizar seus encantos, do modo mais evidente, como uma **tardia compensação por sua inferioridade sexual original**⁴. (FREUD, 1987b, p. 155-162).

Uma vez que é prática usual na Psicanálise tomar o psicopatológico por normal, sendo esta uma teoria e uma abordagem que postula a neurose como a condição natural do ser humano, somente autores que ousaram discordar de tal visão, e que, assim como Reich (1983) propuseram a inata potencialidade do ser humano para a saúde é que podem integrar a inveja do pênis como uma distorção, tal como o faz Lowen (1977):

Bioenergeticamente, a vagina é totalmente adequada para as demandas sexuais femininas. Se, no entanto, a vagina tem uma carga menor do que a do clitóris, por exemplo, a percepção se centralizará no órgão mais altamente carregado, relativamente. A mulher se vê então, forçada a se conscientizar de sua inferioridade, quando comparada ao órgão masculino. Tais mulheres sofrerão de inveja do pênis e exibirão uma forte ansiedade de castração. (LOWEN, 1977, p. 295).

² Grifos nossos.

³ Grifos nossos.

⁴ Grifos nossos.



Somente por se questionar verdades como as impostas pelos primeiros postulados da anatomia e pelas teorias como a psicanalítica é que se avançou a ponto de hoje se poder desestabilizar muito da lógica em torno da sexualidade, que sempre recaiu em modelos heteronormativos e de imposição da superioridade do masculino sobre o feminino, acarretando ao sexo, praticamente como exclusiva, a função reprodutiva, e, por esse motivo, novamente, a submissão da mulher ao homem.

A frase “Meninos têm pênis... meninas têm vagina”, além de inadequada, acaba efetuando uma apologia à sexualidade reprodutiva em detrimento de outras formas de vivência sexual, da mesma forma que direciona a educação sexual infantil, posterior a isso, às comuns perguntas sobre ato sexual, gravidez, parto, nascimento, família. (FURLANI, 2007, p. 73).

Isto quando se chega a falar em pênis e vagina, pois muito frequentemente a diferenciação limita-se à presença ou ausência do pênis. De uma ou outra forma, exclui-se a sexualidade que não vise a reprodução e, portanto, bane tanto outras formas de vivência do prazer, presentes, por exemplo, na infância, na terceira idade, no autoerotismo, em relações homossexuais, além de tornar a maternidade e a paternidade algo natural e obrigatório, e não uma escolha (FURLANI, 2007).

Contrariando a noção de diferença entre homens e mulheres baseada tantas vezes nas características anatômicas e em situações socioeconômicas isoladas, coube às feministas apontar que

[...] são os modos pelos quais características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais se re-conhece e se distingue feminino de masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vai constituir, efetivamente, o que passa a ser definido e vivido como masculinidade e feminilidade, em uma dada cultura, em um determinado momento histórico. (MEYER, 2007, p. 14).

É nesse mesmo sentido que atualmente, as mulheres podem gozar de conquistas e encontrar motivação para seguir colocando-se no espaço de equidade em relação aos homens, do qual nunca deveriam ter sido demovidas. O movimento social que se estendeu da modernidade à contemporaneidade e que envolve mulheres e também homens tem a possibilidade de valorizar as



VOLPI, Sandra Mara. Reflexões sobre sexualidade, corpo, relações de gênero e caráter. In: JORNADA INTERESTADUAL DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, IV, 2011. **Anais**. Balneário Camboriú: Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-20-0]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

discussões em cujo foco encontram-se as relações de gênero, lançando um olhar crítico sobre a organização e as afirmações da Ciência até então. Afinal,

Não é o falo (ou sua ausência) que é o princípio gerador dessa visão do mundo, mas é essa visão do mundo que, estando organizada [...] segundo a divisão de **gêneros relacionais**, masculino e feminino, pode instituir o falo [...] em princípio da diferença entre os sexos [...] e basear na objetividade [...] a diferença social entre duas essências hierarquizadas.⁵ (BOURDIEU, 1995, p. 149).

O termo “gênero”, traduzido de *gender*, baseia-se na noção de que os comportamentos são inscrições culturais sobre o corpo sexuado (MEYER, 2007).

O conceito de gênero tornou-se fundamental a partir da contestação dos argumentos biológicos para justificar desigualdades entre homens e mulheres em sociedade.

“Gênero é a organização social da diferença sexual... é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais.” (SCOTT, 1994, p. 13).

Gênero é um conceito fundamental quando se vai além das características biológicas, e por isso tornou-se também ferramenta analítica e política. A categoria gênero não nega a biologia, mas focaliza “[...] a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas.” (LOURO, 2008, p. 22). Lança luz sobre seu aspecto relacional, pois “[...] é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros.” (LOURO, 2008, p. 22).

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são apresentadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. (LOURO, 2008, p. 21).

O essencialismo primordial de características pertinentes a mulheres e homens é rejeitado pelo conceito de gênero. Este busca o fundamento social e relacional que sustenta a si mesmo. Todavia não se trata de uma referência à construção de papéis sociais masculino e feminino ou a seu desempenho

⁵ Grifos do autor.



simplesmente, mas sim de “[...] entender o gênero como constituinte da **identidade** dos sujeitos.”⁶ (LOURO, 2008, p. 24). Identidade, ou melhor, identidades são múltiplas, mutáveis e até mesmo contraditórias, e é assim que fazem parte do sujeito, que o constituem.

É igualmente importante lembrar que “[...] as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros.” (LOURO, 2008, p. 25). “[...] a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros: [...] são ‘generificados’ [...]” (LOURO, 2008, p. 25).

Meyer (2007, p. 16) corrobora esta visão:

[...] as [...] instituições, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis e políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino e, ao mesmo tempo, produzem e/ou ressignificam essas representações.

Como integrantes dessas instituições sociais, homens e mulheres têm sua identidade constituída, por meio de um processo dinâmico, o qual se encontra em constante evolução. A feminilidade e a masculinidade são definidas e vivenciadas de formas distintas, tal como são distintos o momento, o espaço e as circunstâncias em que se inserem. Gênero é um termo relativo não a mulheres ou a homens; refere-se “[...] às relações – de poder – entre mulheres e homens e às muitas formas sociais e culturais que os constituem como ‘sujeitos de gênero’.” (MEYER, 2007, p. 18).

Se queremos desenvolver práticas justas e inclusivas a respeito da sexualidade, do corpo e das relações de gênero, cabe reconhecer onde e como essa representação prevalece. Cabe, acima de tudo, flexibilizar e transformar essa representação, seja por palavras, seja por ações.

.....

REFERENCIAS

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

⁶ Grifos da autora.



VOLPI, Sandra Mara. Reflexões sobre sexualidade, corpo, relações de gênero e caráter. In: JORNADA INTERESTADUAL DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, IV, 2011. **Anais**. Balneário Camboriú: Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-20-0]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 133-184, 1995.

FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XIX, 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987a. p. 303-320.

FREUD, S. Conferência XXXIII de Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. XXII, 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987b. p. 139-165.

FREUD, S. Sobre as teorias sexuais das crianças. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. IX, 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987c. p. 211-228.

FURLANI, J. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 66-81.

LARAIA, R. de B. **Cultura – um conceito antropológico**. 21ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOWEN, A. **O corpo em terapia**. São Paulo: Summus, 1977.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira L.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V. (Org.) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. p. 9-27.

REICH, W. **Bambini del futuro**. Milão: SugarCo, 1983.

SCOTT, J. Prefácio a Gender and politics of history. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 3, p. 11-27, 1994.

.....

AUTORA

Sandra Mara Volpi - CRP - 08/5348 - Psicóloga, Especialista em Psicologia Clínica, Psicopedagogia, Psicoterapia Infantil, Psicologia Corporal e Análise Bioenergética (CBT). Mestre em Tecnologia (Universidade Tecnológica Federal



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

11

VOLPI, Sandra Mara. Reflexões sobre sexualidade, corpo, relações de gênero e caráter. In: JORNADA INTERESTADUAL DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, IV, 2011. **Anais**. Balneário Camboriú: Centro Reichiano, 2011. [ISBN – 978-85-87691-20-0]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: ____/____/____.

do Paraná). Diretora do Centro Reichiano de Psicoterapia Corporal (Curitiba/PR).

E-mail: sandra@centroreichiano.com.br

